

MISTERIO PASCAL

Ir. Paulo Dullius, FSC

1. Introdução

Todos nós nos sentimos unidos à humanidade e inseridos nela. A consciência de pertencermos a uma comunidade, a uma família, à Igreja, se está acentuando. E nesta inserção entram relacionamentos, celebrações, formas de comunicação. Pode-se aceitar que já encontramos a pessoa numa dinâmica relacional. Ela, desde suas origens intra-uterinas, está-se organizando a partir dos relacionamentos significativos em relação a ela ou em relação com as pessoas significativas para ela. Falar dos relacionamentos de cada pessoa é enunciar e lembrar um dos traços antropológicos importantes que a definem. O relacionamento cria uma realidade intencional, ou seja, não existe neutralidade nos relacionamentos humanos, mas sempre há uma razão, uma intenção presente, um objetivo explícito ou implícito. Esta intencionalidade pode referir-se a aspectos mais centrais da pessoa, a temas mais importantes, a áreas mais englobantes..., mas pode referir-se também a qualquer um dos atos particulares que fazemos em nosso dia-a-dia. Ela pode ser mais explícita ou menos explícita. Esta realidade intencional é, ao mesmo tempo, dinâmica e transformadora, produtora de vida e de crescimento, bem como pode referir-se a aspectos mais imaturos, a aspectos que diminuem a humanização. Tudo o que dignifica a pessoa se refere a relações intencionais positivas; aquilo que diminui e faz regredir a pessoa diz respeito à realidade intencional negativa, regressiva.

Falar da realidade intencional nos faz entrar no campo do símbolo, do processo simbólico. O símbolo é uma experiência significativa pessoal em relação a si ou aos outros (mundo, outros seres humanos, Deus). Esta experiência significativa tem uma linguagem, uma expressão externa, um ritual, um contínuo entre a experiência interna e a estruturação externa, incluindo sinais, objetos. Portanto, uma parte manifesta, explícita, e outra que mantém o enigma da inesgotabilidade de expressão do interior. Como se trata de um *contínuo*, pode-se falar de processo simbólico. Sempre há um processo simbólico presente no relacionamento entre as pessoas individuais ou entre comunidades. Os motivos, os objetivos que estas querem alcançar, sejam eles conscientes ou inconscientes, constituem a dimensão intencional e fazem parte do conteúdo do relacionamento. Tudo aquilo que constitui o conteúdo da pessoa intervém na intencionalidade. Estes conteúdos podem ser as experiências culturais dos antepassados, as experiências pessoais desde o início da vida até o presente momento, as experiências do contexto atual. Todas estas experiências podem ser mais de cunho afetivo, intelectual ou volitivo, tanto a nível psíquico quanto espiritual. Estas vivências podem estar ainda presentes em nossa memória consciente. Mas muitas delas, e talvez a maioria delas, já não estão disponíveis ao consciente e fazem parte da realidade inconsciente. Para muitos relacionamentos, os objetivos finais são os mais importantes. É o caso das decisões existenciais que se referem ao estado de vida. O seguimento de Jesus Cristo como cristão ou como religioso constituem-se no objetivo final da vida e são a maior fonte inspiradora de ser, agir e conviver.

A relação intencional está presente ao tratamos com coisas e pessoas, mas está presente de forma mais concreta e profunda quando se trata do relacionamento com o Transcendente, com o Sagrado, com Deus, com o Totalmente Outro. Esta relação intencional emerge do profundo da pessoa, sendo mais orientada pelo centro afetivo, pelo coração, o qual direciona e seleciona o conteúdo intelectual e volitivo. Por isso, esta relação intencional é a um tempo dinâmica e crítica. *Dinâmica*, porque é o homem todo que se coloca em relação com; *crítica*, porque tal relação não pode deixar o homem na indiferença enquanto tal, sobretudo se o objeto desta relação inten-

cional é o Transcendente. Deus não deixa ninguém indiferente. É que Ele toca o centro significativo da vida. Ele atinge o centro do nível espiritual e, por isso, a neutralidade não existe. Esta questão adquire sua importância ao tratarmos do Mistério Pascal.

2. Relação Intencional e Tríduo Pascal

Mesmo que esta relação intencional simbólica esteja presente em todo agir humano, limitar-nos-emos ao Tríduo Pascal. É que o Mistério Pascal, sintetizado no Tríduo Pascal, concentra as experiências centrais da experiência intencional. Inclui e explicita os passos mais importantes da relação intencional para que seja transformadora. A relação intencional atinge todos os relacionamentos humanos, mas de modo mais claro e significativo, atinge e é percebido na dimensão religiosa. O Tríduo Pascal oferece muitos dados da mudança significativa para o crescimento. Por isso, até se pode dizer que há tantas experiências importantes nestes três dias, que o tempo é demasiado curto, demasiado breve para aproveitá-las bem a todas. Toda experiência vivida ali é completa em si mesma e, ao mesmo tempo, tem sentido no conjunto. Devido a esta concentração de experiências salvíficas intencionais, falamos também de tempo compacto, pois a realidade transformadora destes dias é muito forte, repleta de atos salvíficos. Durante o Tríduo Pascal, procuramos viver atos salvíficos constantemente recordados e recuperados.

A partir daquilo que se afirmou acima, vemos que há uma semelhança de conteúdo subjacente a palavras como relação intencional, processo simbólico, realidade salvífica, relação salvífica, celebração do mistério da salvação, processo intencional positivo, símbolos progressivos.

3. Breve Visão Histórica

Aqui nos referimos ao enfoque particular da relação intencional. No cristianismo a celebração do Mistério Pascal foi vista e celebrada de formas variadas, podendo-se destacar predominantemente três. Isso se verifica de forma particular na celebração eucarística. É que a celebração eucarística sempre foi considerada como a celebração da experiência intencional simbólica por excelência. Houve um tempo na vida da Igreja em que se via a *celebração eucarística* como uma renovação cruenta da paixão e morte de Jesus. Em cada celebração, segundo esta forma de considerar a relação intencional, se renova, aqui e agora, a mesma paixão e morte de Jesus Cristo. Independente do valor existencial desta visão, hoje ela está abandonada. Na celebração eucarística não se trata apenas de renovação cruenta de um fato do passado, mas, sim, da experiência salvífica da comunidade cristã, a qual haure sua força e seu significado em Jesus, na história da Igreja e na vida cristã das comunidades. Posteriormente, por influências diversas, passou-se a acentuar a idéia e a prática de que a celebração litúrgica não era tanto uma celebração transformadora, mas, sim, uma celebração de mera lembrança, ou memória passiva dos atos salvíficos realizados por Jesus Cristo.

A memória de fatos passados é importante, mas na proporção em que consegue desencadear uma mudança no modo de ser, agir e conviver hoje. Por isso, tal visão não se pôde sustentar. Isso nos traz para uma visão da celebração litúrgica como processo existencial que recupera a salvação vivida a um tempo, recupera a força redentora do mistério pascal de Jesus Cristo. Esta mesma força redentora e transformadora é atualizada na comunidade cristã hoje, através da presença do ministério sacerdotal, presença da comunidade que revive a relação intencional simbólica redentora de Jesus e da Comunidade primitiva. Já não se recorda apenas a salvação, mas ela

se realiza de forma clara e constante pela recuperação do ato salvífico que um dia mereceu tal força redentora. Dentro deste último sentido é que recebe luz e razão intencional toda a celebração litúrgica, sobretudo a Páscoa.

4. Dinâmica da relação intencional salvífica

Um relacionamento humano é complexo. Mesmo sendo rápido na ordem temporal, nele se processa uma dinâmica que inclui vários aspectos. Estes aspectos estão presentes de forma menos perceptível em nosso dia-a-dia, mas mais verificáveis em se tratando de uma mudança mais profunda. A mudança profunda se efetua em aspectos fundamentais da pessoa ou no conjunto dela. Pode ser que estruturas ou dinâmicas de relações intencionais não consigam realizar uma profunda mudança, sobretudo quando há bloqueios oriundos de relações intencionais negativas, ou seja, que não realizaram o crescimento no e para o amor, mas, sim, para o desamor e para a desumanização. Todos nós conhecemos, direta ou indiretamente, situações ou pessoas que constituem ou estão dentro de processos e dinâmicas que as tornam cada vez menos livres, cada vez mais condicionadas por aquilo que as diminui em sua dignidade e valor.

A experiência mística fala de *três* elementos básicos ou passos do processo da relação intencional. Estes elementos são considerados dinâmicas de salvação. O primeiro deles consiste na *consciência da inadequação, do erro, da imperfeição*. A linguagem mística denomina-o de *desestruturação*. Não significa que tudo o que precede ao momento anterior esteja errado e deva ser reformulado, mas, sim, apenas aspectos inadequados a uma relação intencional simbólica mais significativa e mais salvífica. A este momento, a mística faz suceder outro, um momento ou experiência de *transformação, liminalidade, "communitas"*, ou seja, confronto com um novo modo de ser, uma celebração do novo. Um terceiro elemento ou momento consiste na vida nova, num novo modo de ser, numa forma nova de relacionar-se com as coisas, com as pessoas e com o Transcendente. É o que se denomina *reestruturação*.

A experiência intencional simbólica pode também ser compreendida, considerando a dinâmica da experiência criativa. Esta dinâmica passa por quatro fases ou passos, os quais, em seu conjunto, procuram realizar e completar o processo de transformação. Este processo implica uma mudança no modo de ser, conviver, relacionar-se, mudança de uma qualidade mais infantil para uma mais madura, mais adulta, mais perfeita. Podemos falar de mudança na estrutura cognitiva, ou seja, na forma de ver a realidade e na forma de interagir. O primeiro passo podemos denominar como *preparação*. Acontece a preparação, quando a pessoa reconhece que a sua forma de interagir, de relacionar-se consigo, com os outros e com Deus, já não faz crescer. Mesmo repetindo seus esquemas e formas, a pessoa sente a sua limitação, abdica de procurar em si a maneira de continuar crescendo. Cai em si e se dispõe a abrir mão de sua autonomia para preparar-se a acolher formas mais adultas de relações intencionais significativas. Uma vez reconhecidas as formas mais infantis de relacionamento, ela permite ser iluminada por situações, conteúdos e processos mais maduros. Esses conteúdos e processos podem ser encontrados na Palavra de Deus, na convivência fraterna, no serviço da caridade, na oração e na contemplação...

É importante ter acesso a bom conteúdo e a bons processos para que realmente a relação intencional seja de crescimento. Uma vez que a pessoa tem acesso a formas novas de viver e agir, ela aceita deixar-se transformar por estas formas novas propostas. É o que chamamos de *transformação*. É o processo central desta relação intencional, representando uma mudança qualitativa e quantitativa. Uma vez transformada em seu relacionamento, ela vai voltar à sua realidade com nova forma de ser e agir. Ela tem uma vida *nova*. Todos almejamos crescer e viver para sempre esta vida nova. Ela se torna um momento de eternidade. Já não se querem mudanças

externas nem formas completamente novas em qualidade, mas a novidade é o crescimento e usufruto, a dinâmica dentro de nós mesmos, a partir da mudança operada em nós.

5. Tempo Litúrgico e Dinâmica da Relação Intencional

A dinâmica desta relação intencional simbólica é progressiva. Progressiva, porque leva a uma qualidade de mais ser, mais realização, mais humanização, mais aproximação e semelhança com Jesus Cristo, o protótipo da experiência criativa, da experiência de mais vida, e vida em abundância e em plenitude. A dinâmica da relação intencional simbólica progressiva encontra-se na vida de cada pessoa considerando o seu sentido e o seu fim último. A mesma dinâmica salvífica é assumida pela religião que procura estruturar diversas formas de experiências de crescimento, seja em sua doutrina, em suas formas de preces, nos rituais dos sacramentos, na recuperação e rememoração das datas e festas significativas ligadas a pessoas, fatos e eventos.

Hoje, a sacralidade do tempo e do espaço são significativos, não tanto pelo tempo historiográfico em questão, nem pelo lugar do evento salvífico, mas pela experiência relacional simbólica significativa ligada a um determinado espaço e tempo. Importam mais a experiência e as pessoas que as realizam do que a fidelidade a um tempo e a um lugar.

O cristianismo assimilou o judaísmo do Antigo Testamento, sobretudo nas pessoas significativas de Moisés (Lei) e Elias (Profetas). Daí, a continuidade da celebração das festas significativas dos Israelitas -Páscoa, pães ázimos, tabernáculos. Estas festas são significativas, porque a elas estão ligadas experiências relacionais intencionais progressivas. Elas se estruturam num memorial que é o conjunto de idéias, fatos, experiências, doutrinas... ligadas a esta experiência original. Esta recuperação simbólica recupera a experiência primordial. Jesus.

Cristo assumiu essas experiências, participou delas, mas acabou dando-lhes uma nova dimensão salvífica. O próprio Pai o confirma no ícone da *Transfiguração*. Jesus dialoga com Moisés e Elias, ou seja, assume o conteúdo salvífico expresso no Antigo Testamento. Mas o Pai revela uma outra verdade maior: seu filho. Este é meu Filho muito amado, ouvi-lo, ou seja, de agora em diante, é Jesus quem é o referencial e já não mais o Antigo Testamento. Desta assimilação e desta novidade nascem para nós, hoje, o conteúdo e os processos da relação intencional salvífica que procuramos viver cada dia, e mais intensamente em determinados tempos do ano. É por isso que incluímos em nosso viver sagrado uma estrutura de liturgia eucarística, uma dinâmica de sacrifício, uma recuperação mais intensiva e compacta em determinados períodos do ano. O período da Páscoa é uma destas oportunidades.

A Páscoa, ou tempo pascal, começa com a Quaresma. É um tempo mais voltado a uma avaliação da relação intencional, sobretudo, prestando atenção aos aspectos imaturos, de pecado. Servindo-nos de parâmetros sociais de pecado, de desamor, nos colocamos numa dinâmica de preparação, de purificação, de queda de nossa auto-suficiência, para entrarmos num longo período de reflexão e de conversão, um período de crise de nossas convicções, decisões e nosso modo de ser e de relacionar. Por isso, fala-se tanto de um período de rupturas, de superação do velho modo de viver. A celebração da Páscoa inclui a realização dos atos salvíficos e uma transformação interior e exterior na relação intencional com o novo, com o desafio de ser criatura nova. A vida nova é experimentada nas celebrações da Páscoa e é celebrada de modo intenso e renovado, para que se estruture como algo novo. A festa e o tempo de Pentecostes retratam a reestruturação da vida, o modo novo da relação intencional. Agora, já cada qual procura ser um doador de vida e de relações intencionais salvíficas para os demais, sobretudo para aqueles que não tiveram acesso a experiências mais fortes de amor, de relações salvíficas.

O Tríduo Pascal retoma constantemente os momentos básicos da relação intencional progressiva, salvífica. A intensidade e sacralidade deste tempo re-atualiza dinamicamente e eficazmente os atos salvíficos presentes na origem. Alguns atos litúrgicos do Tríduo Pascal são completos em si mesmos, ou seja, incluem de forma destacada a dinâmica da experiência intencional salvífica. Outros momentos litúrgicos retomam os mesmos processos várias vezes. Vários atos litúrgicos se ligam aos demais e, no seu conjunto, realizam o grande valor salvífico do Mistério Pascal. É por isso que se fala em tempo compacto, em tempo intensivo, em tempo repleto de conteúdos e processos que levam à vida nova.

6. Páscoa como Centro da Relação Intencional

A dinâmica salvífica concentra-se ao redor da Páscoa. O Antigo Testamento, de certa forma, já preparava a Páscoa. Tudo se dirigia para ela, e a vida apostólica é uma decorrência lógica da Páscoa. Não foi sem razão que a primeira pregação dos apóstolos se concentrasse ao redor da Páscoa, ou seja, do ato salvífico experimentado e confirmado pela ressurreição de Cristo. Por isso, a Páscoa transformou-se na festa central da recuperação dinâmica da salvação e de todo o projeto de relação intencional salvífico com Deus e as pessoas. Ela é densidade intencional, é crise e crítica ao modo de viver, é sacrifício, é transformação e reconstituição da vida. Jesus Cristo -ele próprio -se torna o sacramento desta salvação, atualizando o maior mistério e a maior verdade sobre o homem. A Páscoa não foi fato casual, mas foi intencional por parte do próprio Deus, para escolher esta forma nova de relação com o homem.

7. Motivações da Relação Intencional Simbólica

Vários fatos e diferentes modos de proceder podem levar uma pessoa a ser questionada quanto a seu modo de proceder. Pode-se recorrer a uma doutrinação teórica direta, visando a uma mudança de comportamento. Qualquer instrução, qualquer idéia nova, qualquer experiência nova, qualquer sentimento novo... intervêm na pessoa de forma mais profunda ou menos profunda, bem como podem provocar alterações moralmente boas ou moralmente más. Muitas vezes, há uma maior ou menor compreensão do significado da causa que intervêm, bem como da maior ou menor resistência em mudar. Para uma pessoa, por exemplo, basta um aviso ou repreensão leve para que ela saiba para onde ir de modo novo para outra, uma grande injustiça não é suficiente para que mude qualitativamente. Às vezes, razões negativas e razões positivas podem provocar mudanças. Aos santos, a consciência de sua limitação ou distância da perfeição divina, leva-os à contrição e ao crescimento; a outros, uma ofensa ao amigo é motivo para mudar de estrutura mental. A dinâmica que leva um santo a empenhar-se no crescimento do amor a Deus, e a dinâmica que leva um pecador ao arrependimento... a dinâmica é a mesma. Nesta motivação de mudança, muitas vezes entra o modo intencional de relacionar-se, bem como a comunidade onde se expressa a relação intencional. Em geral, a passagem do modo imaturo para o modo maduro, transformado de vida, implica deixar inicialmente um determinado grupo de vivência com seus símbolos e expressões significativas para, num segundo momento, passar por um período de transformação interior sem compreensão direta de um grupo ou de uma comunidade. Este momento é vivido com certa incerteza, certa solidão e questionamento das motivações. Num terceiro momento, há uma nova acolhida numa comunidade, já com outros referenciais. Todo caminho longo e árduo de transformação profunda passa por esta dinâmica. E ela se repete a nível psíquico, bem como a nível espiritual; sucede em aspectos particulares da vida e em seu conjunto.

A vontade de ser fiel a Deus levou o povo de Deus a buscar constantes mudanças de crescimento e a quedas. De um lado, o povo deseja ser fiel a Deus, mas, por outro lado, é dominado por limitações, egoísmos, ambições, idolatrias..., e se afasta de Deus. O castigo direto, ou a deportação leva o povo a escutar a voz de Deus, a arrepender-se e a voltar para Deus. Deus ouve o clamor do povo e volta a protegê-lo e renovar a Aliança que fizera com ele.

O Antigo Testamento tende a ver Deus como inimigo, como agressor, justiceiro. Deus coloca uma lei -os mandamentos -contra estes sentimentos negativos, mostrando como não se deve agir para evitar, desta forma, a destruição do povo. Deus estabelece certos princípios de relação intencional positiva. Deus se manifesta como o Deus do perdão e do amor. A encarnação de Jesus Cristo é a realidade viva e pessoal deste amor e perdão. O modo de proceder de Jesus leva as pessoas e os grupos a verem a incoerência de vida, sobretudo em sua compreensão da lei, do Sábado e do tempo, em seu relacionamento sem preconceito contra todas as pessoas que se dirigiam a ele. Jesus chega a dar a vida por aqueles que não o acolhem. Este modo de proceder de Jesus é considerado dramático, pois coloca em crise a segurança daquilo que se pensava ser correto, sobretudo a onipotência das pessoas. No entanto, tal dinâmica divina em relação ao homem é a única forma de levar à maturidade cristã. Deus é o pedagogo deste processo. Na medida em que o homem entra em relação com ele, olhando sua bondade, o homem cai em si e retoma seus critérios e as motivações de seu agir. Jesus é o protótipo do relacionamento intencional progressivo, salvífico. Toda a Bíblia centraliza-se ao redor da Páscoa, e o acontecimento central da Páscoa é a Eucaristia. A eucaristia une tudo. Nela sucede o sacramento, ou seja, a ação através da qual Deus se revela a si mesmo e se toma objeto absoluto de vida, raiz da vida. Todos os sacramentos, portanto, fazem parte de um agir intencional que se toma real desde a criação, mas que se toma mais visível na história da salvação, quando Deus prepara seu povo (ação saliente no batismo), transforma-o na eucaristia e o transforma em membro ativo do processo criativo através da confirmação. Este processo sacramental muda a relação intencional com Deus.

Os sacramentos atualizam a salvação de forma mais intensa do que outras práticas espirituais. Cada sacramento encerra em si todo o processo de relação intencional, mas todos adquirem sentido a partir da Eucaristia. Por isso, quando a liturgia está vivendo de forma intensa a experiência da vida nova, aumenta a celebração dos sacramentos. É o que acontece durante o Tríduo Pascal, no qual celebramos o Mistério Pascal.

8. Mistério Pascal – Tríduo Pascal

8.1. Considerações Gerais

Através do Tríduo Pascal reelabora-se o cerne intencional que os sacramentos realizam e atualizam. Há um contínuo experimentar que recorda a mudança de vida: deixar o velho, entrar em contato e participar de uma forma nova de viver e transmitir a vida nova em Cristo. Aquilo que se realiza na Páscoa, volta a ser celebrado em cada Domingo. A Páscoa é o núcleo deste sistema simbólico cristão.

A pregação apostólica iniciou com o evento da ressurreição. Num primeiro momento, iniciou com a experiência nova, pois expressa o novo sistema simbólico como corolário da trajetória de abandono do estilo antigo de viver, para assumir progressivamente uma forma nova de vida, a partir do encontro com Jesus Cristo e da assunção de sua pessoa, doutrina e modo de agir. Num segundo momento, os apóstolos viram a necessidade de referir a ressurreição com a paixão. Posteriormente ainda, ou seja, uma vez compreendida sua ressurreição e sua morte, os apóstolos relacionaram o evento pascal com a vida de Jesus Cristo. Dessa seqüência passou-se a recapitular

e recuperar concatenadamente os atos salvíficos de toda a história da salvação pré-anunciada no Antigo Testamento. Em outras palavras, a Páscoa ilumina o Antigo Testamento e, ao mesmo tempo, é o corolário desta transformação do povo. Temos agora a nova lei que é o próprio Cristo. A Igreja vive esta nova vida, de geração em geração, ao redor do Mistério Pascal, especialmente por ocasião do Tríduo Pascal.

A Páscoa é a solução definitiva e perene da polaridade intencional entre Deus e a humanidade, porque também é a afirmação do modelo de sacrifício e de processo de transformação a ser celebrado como memorial. Deus ama o homem, e este responde e pode amar verdadeiramente, porque ao mal Deus responde com amor, doando sua vida. Os sacramentos explicitam esta realidade e se ligam entre si através da Páscoa. Nos sacramentos recupera-se todo o processo de crescimento da relação intencional. Eles recapitulam os principais atos e figuras salvíficas da História que se converteu em história da salvação, realizando o que Jesus Cristo fez com os discípulos de Emaús: conexão, integração e reassunção do Antigo Testamento, realizando uma experiência nova, através da qual pode ser reconhecida uma nova síntese relacional. Na Páscoa, assumem papel importante os sacramentos de iniciação à vida cristã: morte-renascimento, no *batismo*; morte-ressurreição-communhão, na *eucaristia*; consagração, transformação e missão, na *confirmação*. A Eucaristia está no centro, não só para tecer uma dinâmica, mas para tornar eficaz uma transformação.

8.2. Quinta-Feira Santa

A Quinta-feira Santa é uma experiência intensiva de transformação dos relacionamentos; é conversão e também é um caminho novo, uma pedagogia. A conversão não é apenas uma mudança de convicção (teoria), mas principalmente mudança de atitude, de estrutura cognitiva, repercutindo na prática. Não convida apenas à mudança do coração, mas da pessoa toda. Por isso, a experiência da Quinta-feira Santa é decisiva e nada fácil, e é dinâmica. Diante de tal relação intencional salvífica, não se pode ficar indiferente. Jesus Cristo começa já ali a sua morte, para nos dizer e indicar o modo correto de crescer na relação intencional com Ele e com o mundo, nem tudo é permitido nessa vida. Jesus se opôs a usar o poder para impor a vontade do Pai. Ele preferiu morrer a implantar um reino mediante a violência. Neste seu conteúdo e processo novos, está a sua força transformadora. Jesus insiste com seu exemplo para evidenciar que é possível abrir mão da culpa, da agressividade e da imperfeição para produzir uma conversão real a partir de novas formas de relacionamento intencional expressos em seus gestos, suas palavras, seu ser e seus rituais.

Jesus realiza uma entrega total, mas não só naquele tempo e para aquele momento, uma vez por todas. O que se realiza e também um memorial, uma atualização da salvação para todos os tempos, cada vez que se renova ritual e verdadeiramente este memorial, que é mistério da fé. A Ceia Pascal está intimamente ligada à libertação do Egito, e sua celebração será a comemoração desta salvação miraculosa, tornando-se atual e servindo de esperança orientada para o futuro. Esta tríplice dimensão temporal - passado, presente, futuro - ainda hoje é recapitulada pelos sacramentos. Celebrar a ceia é celebrar a passagem do Cristo em nossa vida. Quem celebra a eucaristia compromete-se com um mundo mais santo, com uma comunidade mais unida e mais salva, com mais relacionamentos intencionais progressivos. Compreende-se bem, assim, a dimensão comunitária da celebração da Quinta-feira Santa. Já a celebração da ceia judaica requeria um número mínimo de dez pessoas.

Jesus Cristo reorienta a ceia pascal, completa-a e lhe dá uma dimensão escatológica. Ele antecipa todo o mistério pascal. Só ele pode antecipar esta vida entregue, assumindo-a plenamente e completando-a na Sexta-feira Santa. A celebração da Ceia do Senhor inclui várias formas, conteúdos e processos de transformação. Por isso, é um tempo intenso. Inicia com o lava-pés. Os

pés são a parte da pessoa com a qual ela está em contato com a realidade, plantada dentro de sua história, de suas convicções. Os apóstolos estão quase puros, estão em parte enraizados nos modelos de relacionamento imaturos e, com o coração, ainda modelados pelo Antigo Testamento, e a cabeça já aceitando bastante Jesus Cristo e sua forma de ser, agir, viver, comunicados por sua pessoa e sua doutrina. Jesus pede uma opção radical por ele, colocando em si e em sua mensagem a sua estrutura mental, o seu processo simbólico. Por isso, o lava-pés serve depois como forma de reconhecer os verdadeiros discípulos. O referencial ao lava-pés é significativo do processo de mudança criativa. O Evangelista João inicia seu relato assim: “*Antes da festa da Páscoa...*” para assegurar que o conteúdo dos capítulos que seguem deve ser inserido e compreendido na perspectiva da Páscoa. O relato evangélico não coloca o lava-pés na entrada da casa nem no início da ceia, mas durante a ceia para dizer que não se trata de mero rito judaico de purificação, mas que se trata de um conteúdo e processo significativos em relação à sua vida, missão e exigências da vida cristã. O diálogo com Pedro esclarece esta questão e permite captar a ligação com a paixão, morte e ressurreição. Os discípulos devem levar uma tal vida, que o amor aos outros seja o valor primeiro da existência. Fazer como Jesus fez é entrar no movimento da relação intencional simbólica progressiva, tanto em relação ao modo de viver, quanto às formas de realizar a missão.

Na Ceia Pascal podemos ver que o amor é o gesto perene e central da relação com os homens e com Deus. A eucaristia, como ápice da história da salvação, é também memorial dos gestos salvíficos, das verdadeiras relações intencionais de transformação. A ligação íntima da instituição da Eucaristia com a instituição do sacerdócio, torna mais claro e central o conteúdo e o processo dos reais gestos salvíficos e de humanização. O rito sacrificial, o questionamento das formas regressivas de relacionar-se... tudo isso é recordado de modo muito claro pelas leituras, ritos, celebrações. Há contínuas referências aos atos salvíficos realizados por Deus para com seu povo, e que Jesus plenificou, confiando à Igreja o viver e o re-atualizar dos atos salvíficos.

Aspectos Litúrgicos e Processo de Mudança Criativa

A Quinta-feira Santa caracteriza-se por celebrações significativas de transformação.

* A Consagração do óleo que depois será distribuído. É uma referência direta à Crisma, ao compromisso cristão em ser sinal de salvação para o mundo. Como sinal de unidade, em alguns lugares, delegações de fiéis das diversas comunidades cristãs se dirigem à sede episcopal na manhã de Quinta-feira Santa para participar da missa presidida pelo Bispo. A maioria dos presbíteros participa desta missa concelebrada. A bênção dos óleos (catecúmenos, enfermos, crisma) representa esta vida da Igreja que quer, a partir do amor e do perdão, levar vida nova a cada comunidade local. Esta bênção dos óleos se dá durante a celebração eucarística porque é ali que se manifesta o verdadeiro mistério pascal.

* A liturgia eucarística recorda a celebração da Páscoa judaica (Ex 12,1-8.11-14), da forma como a Igreja primitiva celebrava este processo de transformação (1 Cor 11,23-26) permitindo-nos amar até que ele venha; concretiza-o na narração da instituição da Eucaristia (Jo 13,1-15). O prefácio nos recorda novamente a forma transformadora que está sendo experimentada pela Igreja e seus fiéis. Ele, verdadeiro e eterno sacerdote, oferecendo-se a nós pela nossa salvação, instituiu o sacrifício da nova aliança e mandou que celebrássemos em sua memória. A consagração inicia com estas palavras: *Na noite em que foi entregue...* Tudo é vivido num clima de profundo amor, de doação e de alegria. A comunidade vive o perdão, olha para Jesus e se alegra com a presença de Deus ali onde acontece a experiência do amor. Amar e doar a vida até o fim, eis a maior prova de amor. Esta experiência é desafiadora por nos indicar o caminho, enquanto conteúdo e enquanto processo de como se pode abandonar um processo regressivo de relacionamento

intencional para um sistema novo de relacionamento intencional. Em sinal de alegria e de gratidão, a comunidade dos fiéis realiza uma vigília eucarística.

8.3. Sexta-Feira Santa

Existe uma conexão clara entre a Quinta-feira Santa e a Sexta-feira Santa. A Quinta-feira Santa realiza uma correção das relações intencionais. Mas ainda falta uma concretização maior. É o que sucede na Sexta-feira Santa. Neste dia se concretizam o sacrifício, o perdão e a forma nova de viver. Jesus passa pelo processo de assumir a vontade do Pai, rezando profundamente no Horto das Oliveiras. De sua oração faz participar todo o seu ser, nos diferentes níveis, e se mantém em união com o Pai até que o afeto aceita aquilo que a inteligência lhe indicara. Uma vez que assumiu novamente fazer a vontade do Pai e não a sua, ele decide levantar-se, ir e assumir a cruz e a fidelidade até o fim. Nesta oração Jesus realiza antecipadamente o que vai acontecer na Sexta-feira Santa. E ele pode realizá-lo.

A Paixão e Morte na cruz explicitam a força transformadora que tem o amor, a doação e o perdão. A Igreja celebra os gestos salvíficos com admiração, emoção e reconhecimento. Reconhecimento, porque atrás da derrota aparente, está a vitória paradoxal que leva à maturidade, que leva a fazer o mesmo. Jesus Cristo sofreu para nos mostrar que sempre se deve e se pode amar o próximo, que somos amados por Deus e que podemos confiar sempre em seu amor. O amor e o perdão nos aumentam a confiança e impedem que o ódio e o desespero conservem a última palavra. A cruz é esta mística de vida que se gera onde aparece a morte, o mistério de um amor onde se manifesta ódio. Ela é também denúncia e apelo. Denuncia o fechamento humano sobre si mesmo, a ponto de crucificar o Filho de Deus; é apelo para um amor capaz de suportar tudo, a ponto de o Pai aceitar que os protagonistas das relações intencionais de desamor levem à morte o Filho. Por isso podemos hoje incluir em nossos processos progressivos experiências à primeira vista negativas na mesma proporção em que delas aprendemos a amar mais, a redimensionar nossos processos intencionais simbólicos. Por isso podemos celebrar com emoção e reconhecimento.

Aspectos Litúrgicos significativos da Sexta-Feira Santa

O clima do dia, criado e incentivado pela liturgia, nos traz o conteúdo e o processo de Jesus e das outras pessoas envolvidas na paixão, como tema para viver e refletir.

O texto de Isaias (Is 52,13 a 53,12) apresenta-nos a condição do Servo Sofredor. A leitura de um texto da carta aos Hebreus (Hb 4,14-16; 5,7-9) vê em Cristo o novo sacerdote, capaz de se compadecer dos fracos, pois também sofreu como nós, menos no pecado. Isso produz confiança e capacidade de se aproximar dele. A narração da paixão (Jo 18,1 a 19,42) traz presente a nós a realização objetiva da experiência de transformação do modo de viver novo, oblativo, com sistemas simbólicos progressivos. Tudo está consumado, ou seja, não há mais nada significativo a aprender no que se refere a uma dinâmica de salvação. Cada qual pode modificar a partir desta vida e desta morte o seu sistema de relacionamento intencional. Vendo-o, cada qual pode tornar-se agente de salvação.

A Igreja é reconhecida por este gesto e por este processo de crescimento a nós doado por amor, por parte do Filho de Deus, dentro do Mistério Pascal, que é um mistério de salvação. Em silêncio, ela deixa penetrar em seus fiéis o conteúdo e o processo salvíficos. Por isso, como resposta, a comunidade dos fiéis reza pelos outros, pelas grandes intenções da Igreja, através da oração universal. Rezamos pela santa Igreja, pelo papa, por todas as ordens e categorias de fiéis,

pelos catecúmenos, pela unidade dos cristãos, por aqueles que não crêem em Cristo, por aqueles que não crêem em Deus, pelos poderes públicos, por todos os que sofrem provações ou apresentam alguma necessidade.

A adoração da cruz está ligada à força transformadora, à ressurreição, à vida nova: Adoramos a tua cruz, louvamos e glorificamos a tua ressurreição... do lenho da cruz veio a alegria para todo o mundo. Não adoração da cruz, mas do crucificado, daquele glorioso e vitorioso.

A missa é substituída por esta participação do processo salvífico vivido pela liturgia. O rito de comunhão inicia com o Pai-nosso, oração que novamente recupera novas formas de relacionamento intencional, sobretudo com a vontade de perdoar àqueles que nos ofenderam, instaurando um novo modo de vida. A comunidade permanece em vigília e em silêncio para unir-se a Cristo e à sua Igreja.

8.4. Vigília Pascal

A vigília pascal resume e coroa o Tríduo Pascal, recuperando plenamente o Mistério Pascal. Na vigília Pascal, reaparecem as estruturas salvíficas de muitos modos. Nesta grande noite, realizam-se as grandes transformações, para que se possa presenciar um novo céu e uma nova terra. Na história bíblica, em geral, à noite não se inicia um processo de mudança, mas se coroa o que está iniciado ou se vive aquilo que está em processo, contemplando-o, a fim de ser mais pleno. É nesta perspectiva que se deve também compreender a vigília pascal: nada completamente novo, mas o coroamento e a celebração dos processos novos e plenos de viver. Isso gera alegria e recapitulação histórica, recitação das memórias, bem como projetos para o futuro. A memória ferida é transformada em memória reconciliada, em memória pacificada. Todos os conteúdos e processos celebrados aumentam nossa consciência de incorporação em Cristo, nossa inserção em seu mistério de sofrimento e glória, de morte e vida. Por isso, a vigília pascal é, para todos os que participam dela, uma festa anual de iniciação. Nela estão presentes mais vivamente os sacramentos da iniciação cristã. Nesta vigília pascal, fala-se constantemente em renovação, de um tempo sobrenatural novo, de um renascimento; numa palavra, de uma relação intencional simbólica salvífica.

Historicamente, a vigília pascal nos reporta à vigília de Deus, a vigília na noite que precedeu a libertação do Egito. O povo vigia na véspera da Páscoa para imitar e honrar o Senhor. É uma noite de vigílias com comemorações religiosas e noite de agradecimentos. A vigília pascal judaica recordava os grandes feitos que o Senhor fizera em favor de seu povo. Era uma vigília que fazia olhar para o futuro, para o servo que vigia porque não sabe a hora em que o seu Senhor retoma. Tudo isso assume novo significado porque Cristo é a nova Páscoa, ressuscitando para que tudo seja renovado, para que tudo tenha novo sentido, para que existam um novo céu e uma nova terra. A vigília reúne a comunidade cristã ao redor do mistério da grande noite da ressurreição.

Nesta grande noite recorda-se a criação, o êxodo, recordam-se outros feitos do Cristo; recorda-se o fogo e a luz. O silêncio e a meditação transformadores que foram vividos durante o dia, agora assumem força comunitária de vida, de processos relacionais salvíficos para a comunidade em todos os tempos. Desta memória dos atos salvíficos se parte para a celebração da ressurreição, renovada em cada eucaristia.

Aspectos Significativos Emergentes da Liturgia

Celebração da luz: A vigília pascal inicia com uma explicação de sentido novo da vigília. Já não é a libertação do Egito, mas a celebração da passagem de Jesus da morte para a vida. Reunindo os fiéis, estes participam deste mesmo triunfo de Cristo. A luz é talvez um dos símbolos mais conhecidos como significando a presença de Deus, como sendo o próprio Deus. Não é por acaso que existe uma universalização deste símbolo. Inicia-se a presença da luz com a bênção do fogo, fogo como força de destruição, mas também como purificação, como transformação do velho para o novo. No Antigo Testamento, quando uma família se reunia para agradecer a Deus, o pai começava abençoando a lâmpada para agradecer a Javé, criador da luz. Agora trata-se de agradecer a Cristo, luz do mundo.

O *Círio Pascal* representa este domínio progressivo e universal do Senhor ressuscitado. Nele se inscreve o *Alfa e o Omega* com a data do ano em curso, para proclamar esta presença contínua e trans-temporal do Senhor ressuscitado. A procissão da luz visa a realizar esta progressiva presença do Senhor.

A proclamação oficial da Páscoa e da ressurreição é vivida pelo canto do *Exultet*, que é um hino de alegria e de agradecimento. Dá-se a este anúncio a mesma honra que se dá à Liturgia da Palavra. Seu conteúdo recorda a novidade acontecida agora, recapitulando a história da salvação: *Exulte o coro dos anjos, exulte a assembléia celeste, um hino de glória saúde o triunfo do Senhor Ressuscitado. Alegre-se a terra porque a luz do Rei Eterno venceu as trevas do mundo.* A visão histórica do Antigo Testamento, bem como os processos dialéticos regressivos e progressivos de trevas e luz, pecado e graça... ressaltam a novidade relacional de Jesus Ressuscitado.

A *Liturgia da Palavra* recapitula os processos relacionais regressivos, mas de modo novo e insistente, resalta a presença de forças e símbolos progressivos. As leituras têm uma intencionalidade positiva. A maioria delas fazem a recapitulação de fatos salvíficos do Antigo Testamento, recuperando para hoje a mesma força e a presença alegre de Deus. A comunidade se une ao povo da antiga aliança e o celebra com Cristo Ressuscitado, a nova aliança. Os temas das leituras são: *criação* (Gn 1,1-22), *sacrifício de Isaac* (Gn 22 1-18), *passagem pelo Mar Vermelho* (Ex 14, 15 a 15,1), *Nova Jerusalém* (Is 54, 4-14), *salvação oferecida gratuitamente a todos os homens* (Is 55, 1-11), *fonte de sabedoria* (Bar 3,9-15.31- 4,4), *um coração novo e um espírito novo* (Ez 36, 16-28).

Esta narração é interrompida pelo canto solene do *Glória*. Ao Glória segue nova recapitulação e nova síntese dos atos salvíficos, mas na perspectiva nova produzida pela ressurreição do Senhor, descrita na Carta aos Romanos (Rm 6, 3-11). Unidos a Cristo pela morte (batismo, relações intencionais regressivas) e também unidos a Ele na ressurreição (vida nova, transformação, comunhão)... para viver como ressuscitados e não como filhos e escravos do pecado (ser agentes ativos da salvação, construir relações intencionais positivas, crisma). O Evangelho narra fatos da ressurreição, chama a atenção sobre a presença nova de Jesus com seu povo.

Liturgia batismal: a Igreja retoma alguns sacramentos para reviver toda a solenidade e sacralidade do momento. O rito do batismo faz-nos saber que somos regenerados para uma vida nova, que já não somos mais filhos das trevas, mas da luz; já não estamos sob o jugo do pecado, mas da graça. A bênção da água batismal recorda a história salvífica e a presença da água. No final, um apelo e um pedido: para que os que recebem o batismo, sepultados junto com Cristo na morte, ressuscitem para a vida imortal. Em seguida já se pede um posicionamento dos fiéis através da renovação das promessas do batismo.

A *liturgia eucarística* recorda a alegria da ressurreição. As palavras do Prefácio mostram: *exaltar nesta noite a glória do Senhor, noite na qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado... morrendo destruiu a morte e ressuscitando nos restituiu a vida.*

O final da missa volta a recordar a força de vida nova trazida pela celebração da Páscoa: *que os fiéis vivam no vínculo da caridade já que os saciastes com os sacramentos pascais.*

Os rituais e as palavras da Vigília Pascal ressaltam a densidade desta noite como processo de mudança de referencial existencial. Os processos e os conteúdos das experiências salvíficas são recuperados várias vezes, são assumidos como Igreja para ser nova criatura a partir de uma nova ordem no universo, de um novo modo de relações intencionais salvíficas trazidas e comunicadas a nós pela ressurreição de Cristo. Aquilo que vivemos nesta noite importante aponta para uma nova forma de ser, já não dominados pelo pecado e pela agressividade, mas, sim, vencidos pelo amor. A Igreja celebra um encontro com seu Senhor e Deus. Cristo ressuscitado torna-se presente entre nós, e os sacramentos nos capacitam a participar de sua vida e ressurreição. É o memorial que se efetua até que ele venha. A Páscoa, o mistério pascal, é modelo de assumir pessoal e comunitariamente uma nova forma de viver.

9. Conclusão

O Tríduo Pascal tem um significado como um todo, mas também cada parte, ou cada dia. Permite-nos ver todo o processo simbólico de transformação que se traduz em atos salvíficos, capazes de modificar nosso sistema infantil de ser e de agir, modificar nosso processo regressivo em progressivo.

Para nós, isto significa um seguimento de Cristo naquilo que é vida nova, e entrar na sua salvação para vivermos como ressuscitados no mundo de hoje.

Seguir Jesus é *pro*-seguir sua obra, *per*-seguir sua causa e *con*-seguir sua plenitude.